

ATENÇÃO À EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

LIVIA PONTES SILVA

Graduação em Pedagogia pela faculdade Santa Rita de Cássia, Pós Graduação em Competência Socioemocionais para Docentes, faculdade Santa Rita de Cássia, São Paulo, Brasil. E- mail: liviapontes07@gmail.com



RESUMO

A educação das crianças tem gerado inquietações na atualidade e observa-se que pais e professores demonstram dificuldades para delimitar seus papéis e ações que no que se refere à colocação de limites. Alguns pais se perguntam porque os seus filhos são tão teimosos, e o que eles podem fazer para controlar este comportamento. Se pode mudar este tipo de conduta? Se consideramos o que diz a ciência de que as crianças não nascem ‘cabeça dura’, e sim que esta conduta pode aparecer em algum momento ou fase da infância da maioria, chegamos à conclusão de que este comportamento pode ser uma consequência da educação que as crianças recebem em casa, na escola, etc. Todas as crianças passam pela teimosia. Cabe aos pais não permitir que esta teimosia perdue por muito tempo e acabe sendo um hábito ou um costume. O presente trabalho visa pesquisar e entender o comportamento infantil estudando medidas adotadas por pais e professores diante da falta de disciplina da criança. Quais os métodos utilizados.

PALAVRAS-CHAVE: Teimosia; Disciplina; Lúdico; Estratégia.

INTRODUÇÃO

A Educação infantil corresponde à educação ministrada desde o nascimento até os 6 anos, aproximadamente. Considerada indispensável, ela oferece os fundamentos do desenvolvimento da criança num aspecto físico, psíquico, cognitivo e social (FREIRE, 2006).

Em 2001 foi criado “O Dia Nacional da Família na Escola” (13 de novembro, pelo Ministério da Educação para conscientizar pais, educadores e toda a sociedade sobre a importância da união entre a escola e a família na formação dos alunos. Inúmeros exemplos vivenciados mostram que a escola melhora quando a família está presente. Se a família se interessa pela escola, a criança

se interessa mais pelos estudos. E melhora o relacionamento da família com a criança e vice-versa.

A família desempenha um papel importante na formação do indivíduo, pois permite e possibilita a constituição de sua essencialidade. É nela que o homem concebe suas raízes e torna-se um ser capaz de elaboração alargador de competências próprias. A família é, portanto, a primeira instituição social formadora da criança. Dela depende em grande parte a personalidade do adulto que a criança virá a ser.

Se é na família que se constituem as alegrias, os desejos do homem, é na escola que o indivíduo deve encontrar alicerce para sua formação elaborada. Porém, as coisas não acontecem como deveriam em contexto escolar. A escola tem sido um local de transmissão do saber e não de desenvolvimento de competências integrais do aluno, competências essas essenciais na inserção social. Entende-se que deva ser papel do educador o desenvolvimento do ser humano numa desmistificação de que somente o conhecimento pronto e acabado é que vale.

O desenvolvimento e o uso ativo de um contexto afetivo em sala de aula são fundamentais ao educando. A escola deve ser um local de alegria e ampliação de vontades e desejos, principalmente do desejo de aprender, pois na escola a criança recebe formação cultural tornando-se membro da sociedade.

A instituição escolar é local de desenvolvimento do saber e não de retaliação do aluno e castração de anseios. Família e escola devem aliar-se no objetivo de formar um aluno capaz e “bem resolvido” afetivamente porque, é justamente neste fator, que estão as disposições em aprender e conhecer mais e mais, construindo e firmando o conhecimento em apoios realmente sólidos.

No contexto da educação, vem sendo discutida com maior ênfase, a necessidade de uma participação efetiva das famílias na instituição escolar. Tal preocupação pode ser visualizada tanto nas propostas presentes na legislação educacional vigente, a exemplo da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), n. 9.394/96, como também em outras pesquisas e publicações a exemplo do Jornal do MEC.

No que se refere à legislação, a Constituição Federal, em seu artigo 205, afirma que “a educação é direito de todos e dever do Estado e da família”. No título II, do artigo 1º da LDB, a redação é alterada para “a educação é dever da família e do Estado”, mudando a ordem de propriedade em que o termo família aparece antes do termo Estado. Se a família passa a ter uma maior responsabilidade com a educação, é necessário que as instituições família/escola mantenham uma relação que possibilite a realização de uma educação de qualidade.

A busca de conhecimento de como se relacionar com o aluno que possui dificuldade de aprendizagem escolar é de extrema importância para as famílias e educadores, pois objetivando uma melhor interação com o referido aluno favorecerá seu desenvolvimento, superação ou minimização das dificuldades de aprendizagem.

As crianças de hoje estão interessadas em jogos de computador e quadrinhos coloridos, mas o livro não atrai-los. Talvez seja porque os pais são incentivados a comunicar os seus filhos

com uma televisão e um computador. E os adultos podem fazê-lo, ou não entendem o dano de tal utilização do tempo livre, ou com preguiça de ensinar a sua própria leitura infantil.

Detectar as origens do problema é o papel dos profissionais ligados ao tema para garantir um diagnóstico preciso. No entanto, como educador ou cuidador da criança pequena na creche ou escola, estar atento a esses desvios, ou mesmo acolher os pais, é obrigação do responsável.

PROBLEMA

A obediência, como qualquer outro valor também se aprende na educação. Se a criança não aprende a ter limites, desde as mais tenras idades, quando sua consciência é despertada, ela não aceitará nenhum tipo de limite e se converterá em teimosa e obstinada.

OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo de elucidar sobre a construção de limites, tendo como recorte a criação de vínculos para que esta construção aconteça de forma plena e significativa no processo de desenvolvimento da criança.

O objetivo é entender como os limites são produzidos, acontecem e qual a forma mais natural de inseri-los na vida das crianças, e ainda analisaremos porque os vínculos afetivos são tão importantes para esta construção, são tão importantes para que a criança aprenda a refletir sobre os limites, a aceitá-los e a vivê-los de forma refletida, podendo assim ter uma vida socialmente e moralmente correta.

JUSTIFICATIVA

Sabemos que a educação, discute-se e não é de hoje, parece ser o meio mais propício para a construção da civilização, da boa vida em sociedade, porém, é notável que nos últimos tempos a escola passou a assumir praticamente sozinha um papel que, em princípio, não deveria ser só seu: educar os alunos para a cidadania.

A sociedade mudou muito, e sabemos, continua em constante mudança, valores éticos se transformaram, e muitos pais diante de tal transformação se sentem inseguros em relação à formação dos filhos, delegando este papel exclusivamente para a escola.

Do outro lado vemos professores amedrontados, por estarem assumindo tamanha responsabilidade sozinhos, e assim podemos claramente perceber um pouco do centro dessa crise que a escola vem enfrentando.

MÉTODO

A metodologia utilizada foi desenvolvida com base em livros referentes ao assunto, literaturas publicadas em revistas pedagógicas, e sites das redes eletrônicas, Google acadêmico, biblioteca pública da Secretaria de Educação.

Para seleção das fontes foram considerados como critérios os artigos e estudos que abordam a Pedagogia como base para a aprendizagem da criança, abordando a importância da Competência Emocional na sala de aula.

FUNDAMENTAÇÃO

“A família, espaço educativo por excelência, é vulgarmente considerada o núcleo central do desenvolvimento moral, cognitivo e afetivo, no qual se “criam” e “educam” as crianças, ao proporcionar os contextos educativos indispensáveis para cimentar a tarefa de construção de uma existência própria.”Diogo (1998, p.37)

É sabido que, quando bem estruturada, a família é a base da sociedade. Para tanto é imprescindível a presença dos pais para a criação de mecanismos necessários para a educação dos seus filhos, contribuindo na formação ética e moral deles, por meio de tomadas de decisões e de limites pré-estabelecidos por eles.

Em primeiro lugar, cabe aos pais o principal papel na educação dos filhos. Isso significa que, aquele ditado popular “educação vem de casa”, torna-se válido, pois o primeiro contato das crianças com os saberes, advém do interior de sua residência. Nesse sentido, a família deve, principalmente, educá-los, por meio de exemplos, apoio emocional, levando a teatros, cinemas e livrarias, para assim terem contatos com outras culturas e despertar o intelecto deles que somados auxiliará em bons resultados no desenvolvimento escolar.

As primeiras aprendizagens da criança ocorrem na instituição familiar. É, portanto, indiscutível que a família deva assumir um papel primordial na educação. A família pode ser vista como o primeiro e mais importante agente educativo, pois podemos encará-la como o núcleo central do desenvolvimento global da criança, nomeadamente no que se refere ao domínio afetivo, social, cognitivo e motor. Segundo Giorgi (1980, p. 26):

“A família é o principal agente de socialização da criança, preside aos processos fundamentais do desenvolvimento psíquico e à organização da vida afetiva e emotiva da criança. Acrescenta ainda, que como agente socializado e educativo primário, ela exerce a primeira e a mais indelével influência sobre a criança.”

É neste contexto que se transmitem os valores educativos às crianças, em que adquire os seus primeiros conhecimentos que se repercutem nos alicerces para a sua vida futura e que, possivelmente, serão a base da sua personalidade.

Tal como refere Beltrán et al, (1990, p.423) citado por Oliveira (1994, p.19):

“(…) uma copiosa bibliografia de psicologia antropológica e evolutiva, clínica e experimental, confirma que a família, em geral, e os pais, mais em particular, são o agente mais universal e decisivo na conformação da personalidade do homem e na sua socialização inicial, tanto de um ponto de vista cronológico, como na perenidade da sua ação educativa”

De acordo com Grácio (s/d: 176), as funções mais importantes da família centram-se nestas quatro: procriadora, alimentar, protetora e educativa. Assim sendo, em consonância com o autor, consideramos que, de entre as possíveis funções da família, as mais pertinentes e indispensáveis são as que foram referidas.

É incontestável que as funções da família acima referidas não são da competência exclusiva da família. Estas devem ser abordadas num contexto de parceria entre a família, a instituição educativa e a comunidade envolvente. O Ministério da Educação (2002, p.22), refere que um dos objetivos a ter em linha de conta na educação pré-escolar é: Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade.

É neste contexto que a criança adquire os valores morais, as regras básicas, a troca de afetos e onde se partilham todo um infinito de experiências que são bastante enriquecedoras e uma mais valia para o seu desenvolvimento, sendo uma família estável e coesa.

Assim sendo, podemos dizer que os pais são indiscutivelmente os primeiros educadores da criança e devem levar a cabo essa missão da melhor forma possível.

Tal como refere Palácios e Pablos (2003, p. 50):

“A família assume, então, as funções de socialização primária, que consiste em transmitir características humanas básicas tais como o afeto, a linguagem ou as interações sociais, assim como as particularidades próprias do grupo cultural ou familiar, tais como as crenças, valores e critérios morais”

Este papel educativo não cabe exclusivamente à família, é necessária toda uma sociedade que participe nessa função, pois ninguém educa melhor ninguém do que todos em conjunto.

LIMITES NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Nesta categoria se procurou identificar: o que significa limites para os pais; se estabelecem; se acreditam ser importante para formação e por que; como são usados e outras formas utilizadas; se encontram dificuldades em estabelecê-los; se estabelecem de formas diferentes entre os filhos e se acreditam ser o mesmo importante para a convivência social.

Percebe-se que os pais entrevistados possuem um bom entendimento sobre limites, porém dizem alguns que muitas vezes acabam “cedendo” ao filho, passando o limite a não ser sustentado por eles, embora entendam que não devam deixá-lo fazer o que quer.

Glat (2003) refere que, se os pais não conseguirem conduzir de forma equilibrada o momento de receber um filho especial, isso trará repercussões em suas expectativas, ações ou investimentos em relação aos filhos

Nesse sentido, Gherpelli (1995) fala da fragilidade dos pais e de como temem a exposição do filho aos perigos, assumindo assim atitudes superprotetoras. Os pais ressaltam como fundamental para formação e desenvolvimento da criança e que auxiliam nas relações sociais, porém, relatam o quanto é difícil para eles colocar limites em seus filhos especiais por não saberem como fazer e lidar com os comprometimentos que esses possuem, deixando assim de realizar as cobranças necessárias aos mesmos.

Dentre as outras formas de estabelecer limites, relatam deixar de castigo até que façam o que é exigido ou de não permitir que saiam para fazer alguma atividade. Conforme apontam as teorias, os pais, ao utilizarem formas físicas de controle dos filhos, mostram a dificuldade que encontram de manter sua autoridade.

A ESCOLA E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

A escola é um lugar de socialização e, assim como eu, muitos educadores consideram a primeira idade – 0 a 3 anos – uma das fases mais importantes para o desenvolvimento social das crianças. O espaço escolar possibilita ao educando participar de projetos e escolhas que irão contribuir para o seu futuro e crescimento como cidadão.

Por meio deste processo, a criança começa a entender seu papel na sociedade e enxergar formas de interagir e aprender junto com os colegas. Os pequenos que iniciam cedo esse convívio possuem mais facilidade para entender e se colocar no lugar do outro, criando um sentimento de empatia.

Isso pode ser constatado quando pensamos nos inúmeros conflitos que existem atualmente entre crianças desta faixa etária. Precisamos ressaltar a importância da escola e dos educadores neste processo. Juntamente com a família, a instituição de ensino auxilia para que os pequenos aprendam a propagar a filosofia do respeito, do diálogo e da compreensão.

No entanto, para desenvolver a socialização com qualidade, é necessário que tanto o poder público quanto os profissionais ligados a essa faixa etária estejam verdadeiramente preparados para trabalhar com ética e responsabilidade.

A escola é um lugar de múltiplas escolhas, de novidades e de vários projetos acontecendo ao mesmo tempo. Tudo isso contribui para que os educandos possam ser felizes e realizar verdadeiramente seu papel de aprendiz.

Mas não podemos esquecer de mencionar que as crianças devem ser tratadas como tal, com respeito e cuidado. A estimulação precoce é um processo divertido que pode ser desenvolvido pela escola com o auxílio de brincadeiras condizentes com a idade das crianças envolvidas.

A socialização precisa ser ensinada para que desde pequenas as crianças consigam conviver com outros seres humanos em harmonia.

FALTA DE LIMITES NA ESCOLA OU INDISCIPLINA

A importância de que a criança especial tenha regras de comportamento é destacada pelas professoras, que alertam para a necessidade de essas crianças serem submetidas as mesmas normas que os demais alunos.

É salientado também o quanto os limites serão essenciais para o desenvolvimento das tarefas que envolvem a aprendizagem. Conforme destaca Glat (1984), essas crianças possuem “um repertório muito limitado no que se refere as habilidades”.

Tais dificuldades apresentadas pelos alunos, associadas à falta de noções básicas de normas e de limites, desfavorecem uma aprendizagem efetiva no ambiente escolar. As professoras destacam que, basicamente, trabalham os limites em sala de aula através da formação dos hábitos diários, daquilo que podem ou não fazer, assim como das tarefas da rotina da criança: usar banheiro, lanchar, jogar.

Em todas as atividades são usadas regrinhas que vão orientando a criança como se comportar frente às tarefas. A partir das entrevistas, percebe-se a necessidade que as professoras colocam de que a família desenvolva na criança especial, como uma condição indispensável para as atividades escolares, noções de regras e limites.

Salientam ainda a importância de que as atividades de rotina sejam aprendidas ou trazidas de casa, para que os alunos tenham autonomia em realizá-las, e seja-lhes proporcionado um tempo maior para outras aprendizagens na escola.

Os pais estabelecem limites, mas até certo ponto, não realizando ou exigindo tudo o que poderiam dos filhos, deixando falhas, não ensinando ou trabalhando muitas coisas que poderiam e/ou deveriam.

Sendo assim, os limites que eles trazem para a escola não são suficientes para desenvolverem as atividades de aprendizagem.

Ressalta que essas crianças poderiam receber uma maior estimulação por parte dos pais. Sobrinho (1999) refere que a escola poderá auxiliar essa criança aumentando e facilitando aprendizagens e habilidades que já foram adquiridas no meio familiar, oportunizando que interajam nas diferentes circunstâncias e, conseqüentemente, as integrem nos ambientes de suas relações sociais.

Acrescenta ainda que “nessas aprendizagens” incluam-se também a noção de regras, normas e de limites necessários para uma convivência saudável.

TEIMOSIA INFANTIL

Uma criança obstinada, birrenta ou caprichosa é a que não aceita ordens, nem sugestões, nem petições, nem conselhos. É uma criança que resiste à obediência e ao cumprimento de algu-

Desacorda de tudo e faz o contrário.

É uma criança impulsiva, que tenta conquistar espaço para sua própria vontade. A teimosia é a negativa a todo contato humano mediante uma defesa dos seus pensamentos. São, por exemplo, as crianças que ficam de birra num canto do quarto porque não querem recolher os brinquedos, ou porque não quer comer o que lhe colocam à mesa, ou porque não quer brincar com o que lhe propõem. O passo seguinte é a resistência, ou seja, as famosas birras.

A obediência, como qualquer outro valor também se aprende na educação. Se a criança não aprende a ter limites, desde as mais tenras idades, quando sua consciência é despertada, ela não aceitará nenhum tipo de limite e se converterá em teimosa e obstinada.

Um exemplo disso é a atitude positiva que alguns pais demonstram, quando seus filhos ainda muito pequenos, batem e machucam a outros. A essa atitude, os pais dizem frases como: ‘esse menino vai saber se defender sozinho’.

Quando a criança cresce e continua fazendo o mesmo, o que antes ‘divertia’ aos pais, agora lhes preocupa. Então a criança se perguntará: ‘por que isso que antes eles achavam engraçado e agora me castigam com isso?’

DIFICULDADE NA APRENDIZAGEM

Dificuldade de aprendizagem, por vezes referida como desordem de aprendizagem ou transtorno de aprendizagem, é um tipo de desordem pela qual um indivíduo apresenta dificuldades em aprender efetivamente. A desordem afeta a capacidade do cérebro em receber e processar informação e pode tornar problemático para um indivíduo o aprendizado tão rápido quanto o de outro, que não é afetado por ela.

A expressão é usada para referir condições sócio biológicas que afetam a capacidade de aprendizado de indivíduos, em termos de aquisição, construção e desenvolvimento das funções cognitivas, e abrange transtornos tão diferentes como incapacidade de percepção, dano cerebral, disfunção cerebral mínima (DCM), autismo, dislexia e afasia desenvolvimental. No campo da Educação, as mais comuns são a dislexia, a disortografia e a discalculia.

Um indivíduo com dificuldades de aprendizagem não apresenta necessariamente baixo ou alto QI: significa apenas que ele está trabalhando abaixo da sua capacidade devido a um fator com dificuldade, em áreas como por exemplo o processamento visual ou auditivo.

As dificuldades de aprendizagem normalmente são identificadas na fase de escolarização, por profissionais como psicólogos, através de avaliações específicas de inteligência, conteúdos e processos de aprendizagem.

Embora a dificuldade de aprendizagem não seja indicativa do nível de inteligência, os seus

portadores têm dificuldades em desempenhar funções ou habilidades específicas, ou em completar tarefas, caso entregues a si próprios ou se encarados de forma convencional. Estes indivíduos não podem ser curados ou melhorados, uma vez que o problema é crônico, ou seja, para toda a vida.

Entretanto, com o apoio e intervenções adequados, esses mesmos indivíduos podem ter sucesso escolar e continuar a progredir em carreiras bem sucedidas, e mesmo de destaque, ao longo de suas vidas.

O termo “dificuldade de aprendizagem” (no original em língua inglesa, “learning disability”) aparentemente foi usado pela primeira vez e definida por Kirk (1962, citado em Streissguth, Bookstein, Sampson, & Barr, 1993, p. 144).

O autor referia-se a uma aparente discrepância entre a capacidade da criança em aprender e o seu nível de realização. Nos Estados Unidos uma análise das classificações de Dificuldades de Aprendizagem em 49 dos 50 estados revelou que 28 dos estados incluíram critérios de discrepância de QI/realização em suas diretrizes para Dificuldades de Aprendizagem (Ibid., citando Frankenger & Harper, 1987). No entanto, o Joint National Committee for Learning Disabilities (NJCLD) (1981; 1985) preferiu uma definição ligeiramente diferente:

“Dificuldades de Aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Esses transtornos são intrínsecos ao indivíduo e presume-se que devido à disfunção do Sistema Nervoso Central. Apesar de que uma dificuldade de aprendizagem pode ocorrer concomitantemente com outras condições incapacitantes (por exemplo, deficiência sensorial, retardo mental, distúrbio social e emocional) ou influências ambientais (por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente/inadequada, fatores psicogênicos), não é o resultado direto dessas condições ou influências.”

Ainda nos Estados Unidos, o “Individuals with Disabilities Education Act” (Lei de Educação das Pessoas Portadoras de Deficiência) define uma dificuldade de aprendizagem da seguinte forma:

“(…) [um] transtorno em um ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou na utilização de linguagem falada ou escrita, que pode manifestar-se em uma habilidade imperfeita para ouvir, pensar, falar, ler, escrever, soletrar, ou fazer cálculos matemáticos (...). Dificuldades de Aprendizagem incluem condições como deficiências perceptivas, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia e afasia de desenvolvimento.”

Dificuldades de aprendizagem podem ser tratadas com uma variedade de métodos, mas geralmente são consideradas como desordens vitalícias. Alguns (ajustes, equipamentos e auxiliares) são projetados para acomodar ou ajudar a compensar a deficiência, enquanto outros (Educação Especial) destinam-se a fazer melhorias nas áreas fracas. O psicopedagogo Reuven Feuerstein, autor da Teoria da modificabilidade cognitiva estrutural, afirma que a inteligência pode ser “expandida”. Segundo ele, qualquer pessoa, independente de sua idade e mesmo que seja considerada inapta, pode desenvolver sua inteligência e adquirir a capacidade de aprender.

COMO LIDAR COM A TEIMOSIA INFANTIL

Apesar de que seja o filho quem deva dar o passo para estudar, segue abaixo certos comportamentos que serão fundamentais para ajudá-lo nessa difícil tarefa:

1. Averigüe a causa concreta pela qual ele não quer estudar falando com ele e escutando-o sem se chatear ou julgá-lo. Não é o momento para tratar de convencê-lo de nada.

2. Ser mais flexível. Às vezes, não é que não queira estudar, mas porque sente que as metas que lhes são propostas são altas demais. Pode ser que é você quem quer que ele tire essas notas ou que dedique mais tempo a uma matéria e talvez ele seja mais conformista ou sente que tem outras necessidades ou interesses que o motiva mais que o faz mais feliz.

3. Sugira prazos curtos. É inútil falar dos planos do verão ou inclusive de um trimestre inteiro. O melhor é viver cada dia e assim acompanhá-lo nesse processo e que sejam conscientes dos objetivos diários. Do contrário a criança se frustrará antes de haver tentado.

4. Acredite nas suas possibilidades. Se você valorizar suas capacidades, ela também acabará acreditando nas suas. Você tem que demonstrar ao seu filho que valoriza cada esforço que ele fizer e fazê-lo ver isso com demonstrações de afeto. Assim que esqueça as reprovações porque não conseguirão com que estude mais.

E se lembre: tenha expectativas adequadas às capacidades do seu filho. Muitas vezes, a gente se concentra nos sonhos que temos com eles e no potencial que sempre conseguimos ver. No entanto, é importante não exigir do seu filho mais do que ele estiver disposta a dar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento e análise dos dados, foi possível observar que os pais demonstraram muitas dificuldades com a questão dos limites com os filhos especiais.

Dificuldades que se basearam, no entendimento do limites, de como e em que momento estabelecê-los diante das limitações que estas crianças apresentam. Os pais por desconhecimento ou falta de orientação em relação as limitações e capacidades dos filhos ficam inseguros e temerosos, não sabendo até que ponto podem exigir desses e por pena muitas vezes acabam cedendo a suas vontades.

Com relação as professoras, estas referem que, sem limites, fica difícil trabalhar conteúdos e atividades da vida diária, bem como do processo ensino-aprendizagem. Porém é difícil o estabelecimento dos mesmos, pois as crianças têm dificuldades de entender seu significado. Fato que também pode ser observado na relação pais e filhos.

Quanto à relação dos limites com o desempenho escolar, esses alunos demonstram pouco rendimento nas atividades escolares sendo que a questão do comprometimento e limitações dos alunos influencia neste rendimento.

Porém as dificuldades que apresentam na aprendizagem estão associadas também à falta ou insuficiência de regras e limites (ausentes ou insuficientes). As professoras reafirmam ainda que os limites são de fundamental importância para o rendimento desses alunos.

Fato esse observado na pesquisa, quanto ao rendimento dos alunos em que os limites passaram a ser trabalhados, na escola e na família.

Tais alunos apresentaram uma melhora no rendimento escolar, portanto os limites favorecem assim uma aprendizagem satisfatória.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **As Inteligências Múltiplas e seus estímulos**. Disponível em: <https://www.pas-seidireto.com/arquivo/41456494/264961532-as-inteligenciasmultiplas-e-seus-estimulos-celso-antunes-2>. Acesso em: 10 de jun. de 2022

BIAGIOTTI, L.C.M (2005) **Conhecendo e aplicando rubricas de avaliações** In: Congresso Internacional de Educação a distância, 12., Florianópolis. Anais. Florianópolis, ABED, 2005. Disponível em: . Acesso em: 10 de jun. de 2022

BRASIL. Decreto nº9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Dos Princípios e Fins da Educação Nacional**, Brasília,DF. Acesso em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm 06 de Jun. de 2022

COSTA, Antonio Carlos Gomes da: COSTA, Alfredo Carlos Gomes da: PIMENTEL, Antonio de Pádua Gomes. **Educação e Vida: um guia para adolescente**. Belo Horizonte. Modus Faciendi, 2001. 2ª Ed. DAMON, William. O que o Jovem quer da Vida? –Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. São Paulo, Summus Editorial, 2009.

DAMÁSIO, António Ribeiro. **O Erro de Descart: Emoção, razão e o cérebro humano**, Editora Companhia das letras, São Paulo.

DELORS, Jacques. **Educação: Um tesouro a Descobrir “Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. São Paulo: Cortez, 2004. 9ª Ed. MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre Educação em Valores Humanos**. São Paulo. Peirópolis, 1999.

FONTE, **Paty Especialista em Educação Infantil e Pedagogia de Projetos**. Consultora educacional. Entre os livros lançados estão “Competências Socioemocionais na Escola”, publicado pela Wak Editora e Coautora do livro “Socorro! Meus filhos estão crescendo”, publicado pela Editora Nelpa.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente: A teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Editora ARTMED, 1994

GIRARDI, Giovana. **Como a ciência define inteligência?**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/o-cerebro-uma-regua/>. Acesso em 12 de Jun. de 2022.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2011.

MARTINS, Beatriz Prado. **Inteligências Múltiplas: A teoria na prática da educação infantil**, 5 de dez 2011. Disponível em: <http://revista.fundacaoaprender.org.br/?p=76>. Acesso em: 09 de jun. de 2022.

MORI, K.R.G. **A mediação pedagógica e o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação escola**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

NOVA ESCOLA; BNCC NA PRÁTICA: **Competências gerais**. 11 de out. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12720/bncc-baixar-em-pdf-o-e-book-de-competencias-gerais>. Acesso em : 05 de jun. 2022

OLIVEIRA, Maria Eveuma de. **As Competências Socioemocionais, Formação Cidadã e Projeto de Vida: um diálogo possível no “chão da escola”** In: V CONEDU - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10, 2018, Olinda/Pernambuco. Anais. Olinda/PE, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/anais.php> Acesso em 10 de jun. 2022.

PERRENOUD, P. **Construir competências desde a escola**. Alegre: Artmed, 1999. SEDUC, Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Disponível em <https://www.seduc.ce.gov.br/projeto-professor-diretor-de-turma-ppdt/>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.

SERRÃO, Margarida. **Aprendendo a Ser e a Conviver**. São Paulo.FTD,1999. 2º ED. Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/historia-os-pilares-e-os-objetivos-da-educacao-socioemocional/>Acesso em: 15 de jun. de 2022.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **A educação espartana**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-educacao-espartana.htm>. Acesso em 12 de jun. de 2022.